

O DESVELAR DO MUNDO PARA A CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Raquel Ramos Romani¹

ROMANI, R. R. O desvelar do mundo para a criança da educação infantil. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, v. 10, n. 1, p. 87-105, jan./jun. 2010.

RESUMO: Considerando-se a curiosidade da criança pequena por tudo que a cerca, mostrou-se eficiente a prática pedagógica que utiliza o conhecimento do mundo como conteúdo e direcionada do geral para o específico. Assim, é fundamental verificar a validade metodológica de se trabalhar do distante para o próximo. Nesse sentido, no presente estudo foi elaborado um plano de ensino que permitisse explorar largamente e com mobilidade os conhecimentos de mundo, abrangendo todos os temas levantados pelas crianças. Essa pesquisa foi realizada em uma escola de Educação Infantil, no interior do Estado de São Paulo, em uma classe de etapa II, formada por 32 alunos de 6 anos, que já haviam frequentado o maternal e a etapa I. A pesquisa teve seu início por meio da observação do centro de interesse da turma, que foi diagnosticado na roda da conversa. A partir da discussão sobre o dia que estava nublado, as crianças queriam saber para onde tinha ido o sol. Desse modo, surgiu a diretriz do trabalho: “O conhecimento do mundo físico”. O planejamento foi elaborado na horizontal e espiral, sendo flexível e determinante da sequência do trabalho, partindo do Sistema Solar para Planeta Terra, Brasil, Estado de São Paulo, Cidade, Vila, Escola, Moradia, Família e o “Eu”. Portanto, do geral para o específico estratégia oposta da prática municipal, que focava no desenvolvimento céfalo-caudal, considerando o próximo distal. Quatro etapas foram aplicadas – plano de ensino, execução, relatos e avaliação, tais etapas forneceram material para responder a questão inicial, que mui-

¹Pedagoga; Especialista em metodologia da Educação Infantil; Especialista em psicopedagogia; Mestre em Educação; Coordenadora da Educação Infantil do município de Lençóis Paulista, SP.; Professora de “Didática do curso de Pedagogia no “Instituto Municipal de Ensino superior de São Manoel”, SP.; Professora no “Instituto Superior de Ensino Orígenes Lessa” em Lençóis Paulista, SP, disciplina “Avaliação na Educação Básica” e “Pesquisa na Educação Básica”. quecal@hotmail.com

tas vezes se perde no caminho, tamanha a riqueza do processo. Ao final do ano letivo, pode-se diagnosticar o trabalho como muito positivo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Conhecimento de mundo. Metodologia. Experiência.

THE UNVEILING OF THE WORLD FOR THE CHILDREN'S EDUCATION PUPILS

ABSTRACT: Considering the curiosity of the child about everything around itself, it was developed an educational practice that uses the knowledge of the world as content, directing it from the general to the specific. The question was to verify the validity of the methodological work that comes from distant to close. Therefore, in the present study was developed a teaching plan that would allow disabled and explore widely the knowledge of the world, covering all issues raised by children. This experiment was performed in a school of childhood education, in a class of stage II, containing 32 students of 6 years old, who had attended the maternal and stage I. The research had its beginning through the observation of central class absorption, which was diagnosed during an informal conversation. So, after the discussion about the day that was cloudy, the children wanted to know where the sun had gone. Thus arose the guideline of the work: "The knowledge on the physical world." The plan was drawn up in horizontal and spiral, it was flexible and determinative on the work sequence, going from the Solar System to Earth, Brazil, São Paulo, Lençóis Paulista City, Cruzeiro Village, Irma Carrit School, Residence, Family, and the "I". From the general to the specific was the opposite of the city practice, which focused on cephalocaudal developing, considering the next distal. Four steps were implemented – education plan, execution, reports and evaluation – it provide material for answering the original question, which sometimes was lost during the route, owing to the wealth of the process. At the end of the year, you can diagnose the work as well.

KEYWORDS: Children's Education. Knowledge of world. Methodology. Experience.

EL DESCUBRIMIENTO DEL MUNDO EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

RESUMEN: Teniendo en cuenta la curiosidad del niño por todo a su alrededor, se mostró eficiente la práctica pedagógica que utiliza el conocimiento de mundo como contenido y dirige el general a lo específico. Así, es fundamental verificar la validez metodológica de se trabajar del distante para el próximo. En ese sentido, se elaboró un plan de enseñanza que permitiese explorar ampliamente y con movilidad los conocimientos de mundo, abarcando todos los temas presentados por los niños. Esa investigación se realizó en una escuela de Educación Infantil, en el interior del Estado de São Paulo, en una clase de etapa II, formada por 32 alumnos de 6 años, que ya habían frecuentado el maternal y la etapa I. La investigación tuvo su inicio por medio de observación del centro de interés de la turma, que se diagnosticó en la conversación. A partir de la discusión sobre el día que estaba nublado, los niños querían saber para dónde había ido el sol. Así, surgió la directriz del trabajo: “El conocimiento del mundo físico”. El planeamiento se elaboró en la horizontal y espiral, siendo flexible y determinante a la secuencia del trabajo, partiendo del Sistema Solar para el Planeta Tierra, Brasil, Estado de São Paulo, Ciudad, Villa, Escuela, Vivienda, Familia y el “YO”. Sin embargo, seguir del general para el específico, era el opuesto de la práctica municipal, que se centraba en el desarrollo céfalo-caudal, considerando el próximo distal. Cuatro etapas fueron aplicadas – plan de enseñanza, ejecución, relatos y evaluación, tales etapas proporcionaron material para contestar la cuestión inicial, que muchas veces se pierde en el camino, tamaño la riqueza del proceso. Al final del año lectivo, se puede diagnosticar el trabajo como muy positivo.

PALABRAS CLAVE: Educación Infantil. Conocimiento de mundo. Metodología. Experiencia.

INTRODUÇÃO

As crianças são extremamente sensíveis e mostram um grande interesse por tudo, estão cheias de perguntas pertinentes, e repletas de hipóteses sobre todos os assuntos. Com base nesse interesse, desenvolveu-se uma prática pedagógica que se utilizava do conhecimento do mundo físico como conteúdo; direcionada do geral para o específico. Verificou-

se a necessidade de fundamentos teóricos, que atribuiriam maior credibilidade à referida prática, pois uma pergunta era constante: Qual a melhor prática para o aproveitamento desse interesse das crianças pelo mundo físico? Iniciar com os conceitos gerais até chegar ao conceito específico, ou vice-versa?

O primeiro ponto relevante para responder a tal questão foi elaborar um plano de ensino que possibilitasse explorar largamente esses conceitos e, principalmente, que tivesse uma mobilidade extensa, podendo abranger todos os temas levantados pelas crianças.

No decorrer do trabalho, seguindo esse plano de ensino, relatos das aulas foram feitos, bem como a observação constante e entrevistas com as crianças, como instrumentos de avaliação, que forneciam o devido suporte para a retroalimentação do plano.

A justaposição dessas quatro etapas: plano de ensino, execução, relatos e avaliação sob a forma de observação forneciam material suficiente para responder à questão inicial, que muitas vezes se perdeu no caminho, tamanha a riqueza do processo em si.

OBJETIVO

O objetivo principal dessa experiência foi avaliar a relevância de não se prender à premissa, muito utilizada pela educação infantil, de que o trabalho com a criança pequena deve partir do próximo para o distante, do específico para o geral, do simples para o complexo.

COMO COMEÇOU

A experiência relatada aqui foi realizada em uma escola de Educação Infantil, no interior de São Paulo, em uma classe de etapa II, composta por 32 alunos de 6 anos que já haviam frequentado o maternal II e a etapa I. A pesquisa teve seu início por meio da observação do centro de interesse da turma e da elaboração de um plano de trabalho. Os nomes utilizados são fictícios para manter o anonimato das pessoas envolvidas.

Os fenômenos meteorológicos são sempre observados na *roda*, e foi durante uma dessas observações que surgiu um excelente tema para a turma. Estava nublado, a grande dúvida foi:

- Onde o sol está quando ele não está?
- Escondido.
- Escondido onde?
- Sei lá, acho que ele tá dormindo.
- Eu não sei não, minha mãe deve saber.
- E você, professora, você sabe?

Deste modo, o “conhecimento do mundo físico” mostrou-se relevante para iniciar o trabalho a ser desenvolvido durante o ano, sendo um dos temas de maior interesse para a turma.

A curiosidade explícita no rosto das crianças, quando se depararam com as questões sobre o mundo físico, era a grande movedora desta diretriz. Porém, para compreender melhor esse fato, foram elaboradas várias questões, que poderiam apontar o quanto as crianças tinham de conhecimento, informações sobre o mundo físico e como elas estavam estruturadas, podendo-se observar assim se o processo de aprendizagem havia se consolidado.

Como todo planejamento de ensino, esse também era flexível, elaborado na horizontal e espiral e, ao mesmo tempo, determinante da seqüência do trabalho que seria iniciado com o Sistema Solar, Planeta Terra, Brasil, Estado de São Paulo, Cidade, Vila, Escola, Moradia, Família e, finalmente, o “Eu”.

Partir do geral para o específico no início seria assustador, pois até então a prática da Rede Municipal de Educação Infantil pregava o contrário. Em algumas práticas têm sido priorizado o trabalho que parte da ideia de que a criança só têm condições de pensar sobre aquilo que está mais próximo a ela e, portanto, que seja materialmente acessível e concreto; e também da ideia de que, para ampliar sua compreensão sobre a vida em sociedade é necessário graduar os conteúdos de acordo com a complexidade que apresentam (BRASIL, 1998).

SISTEMA SOLAR

Por intermédio de uma roda da conversa, discutiu-se o tema “Sistema solar” e iniciou-se uma pesquisa em revistas, livros, jornais e em entrevistas feitas com os pais.

Houve debates na roda da conversa, na qual cada um relatou o

que mais havia gostado. Ainda na roda, gravuras do Sistema Solar foram observadas; os planetas chamavam muito a atenção. A primeira tarefa para os pais foi a de observar, com os filhos, o céu à noite. No dia seguinte, a maioria tinha relatos a fazer.

- Ontem eu não vi nada, só chuva.

- A lua tava bem fininha.

- Tinha uma estrela bem grande, minha mãe disse que é a estrela

Dalva.

- Nem sabia que estrela tinha nome.

- Minha tia que se chama Dalva.

Assim, na roda, mil dúvidas surgiam, e o assunto abrangia vários pontos:-

- Por que a lua muda de tamanho?

- Dá prá morar em outros planetas?

Tudo seguia com naturalidade; as crianças já formulavam suas hipóteses sobre tudo e, depois de anotá-las, buscavam-se as explicações na ciência.

Durante vários dias, livros e gravuras, contendo coisas sobre o espaço se avolumavam sobre a mesa, apareceu também um filme sobre a chegada do homem à lua, isto foi a sensação; foguetes foram construídos com sucatas, desenhados e nomeados. Todas as matérias iam se construindo, envolvidas em um só conteúdo: O espaço. Não havia mais como não acreditar no resultado; ao mesmo tempo em que se abrangia o todo, as partes iam tomando corpo e se completavam, a natureza fazia parte de nós, o universo não mais existia separado de nós, o mundo e seus elementos começavam a ser uma unidade.

Este tema começou a perder força quando Eva trouxe uma gravura imensa do Planeta Terra, dizendo na roda:

- Meu pai disse que é aqui mesmo que a gente mora.

- Mas a gente já sabia disso.

- É, nós vimos no filme da lua.

O PLANETA TERRA

Estava programada a exibição de um filme sobre o Planeta Terra, mas o tema deflagrou muito antes, com a gravura apresentada pela Eva; a

gravura trouxe consigo uma grande dúvida.

- Se é na Terra mesmo que a gente mora, como o foguete vai para lua?

- Vai furando a Terra.

- Não, não vai não. No filme não furava a Terra.

Um globo foi colocado à disposição da classe, e concluiu-se que “*moramos na casquinha da Terra*”. Todos mexeram, giraram, olharam; observaram o formato, as cores.

- Mas a Terra fica solta no espaço? Por que não cai?

- Tem cabo de aço prendendo.

- Não, não cai porque não cai.

Novas pesquisas, novos livros, os pais discutindo em casa o mesmo tema.

Na roda da conversa, cada um dizia o que sabia; o que havia compreendido. Liam-se algumas coisas nos livros. Um mapa-múndi mostrando terras, matas e águas foi posto à disposição da turma; o resultado foi ótimo, a primeira observação deu chance ao primeiro recorte dentro do planejamento inicial.

- Nossa, se tem tanta água, por que chama Terra?

- Acho que não sabiam quando deram o nome.

A turma foi formulando hipóteses, observando fatos, e concluiu-se que leva o nome de Terra porque “*vivemos na Terra, se vivêssemos na água, então seria Planeta água*”. Então se estudou o Ciclo da Água por meio de experiências: a chuva simulada com tampa de panela, o arco-íris produzido por meio de esborrifos de mangueira.

A importância da água foi discutida, experiências com plantas foram realizadas. Preparou-se uma lista das principais causas da poluição das águas; ela deveria ser levada para que os pais assinalassem as coisas que tinham o hábito de fazer; isto gerou uma grande polemica e preocupação por parte das crianças, que sugeriram antes informar aos pais, pois muitos pais faziam coisas que não deviam, por não saberem o correto, e a pesquisa parou neste estágio.

- E nos outros planetas, lá não mora ninguém?

- Pode até morar, mas não toma água.

Tudo o que existia no Planeta Terra foi anotado na lousa, foi uma longa lista; as coisas mais inesperadas foram anotadas, mas a emoção

maior foi perceber que o gatinho, o cachorro e outros animais também moram neste mesmo planeta, evidenciando que:

- Então o Planeta Terra não é só nosso, é de todos os animais.

Após a conclusão da listagem, uma atividade, a ser desenvolvida por grupos de quatro indivíduos, foi proposta aos alunos, essa atividade consistia em traçar uma esfera bem grande em uma folha, pesquisar e recortar das revistas tudo o que existia no Planeta Terra e colar na esfera. Esse trabalho em grupos menores surtiu um resultado bem diferente da experiência anterior. Os planetas construídos foram expostos no corredor, numa grande euforia.

UM PAÍS CHAMADO BRASIL

O que realmente se esperava desse tema é que, a cada dia, ele fosse se alargando, possibilitando o envolvimento de uma série de outros temas, nos quais o ambiente fosse muito explorado e a criança pudesse estar sempre experimentando, de acordo com seus interesses. Nesse momento, poder-se-ia englobar o planejamento na sua forma espiralada, num completo movimento de ir e vir, abrangendo todas as dúvidas e interesses detectados na roda da conversa, propiciando o desenvolvimento de uma consciência coletiva, assegurando a preservação do planeta, numa clareza de que tudo o que está próximo precisa ser preservado, tanto quanto o que está distante; os ambientes da escola, da casa fazem parte do todo.

O globo terrestre voltou a ser o centro da turma, sua utilização foi fundamental, pois é um elemento muito importante na relação que a criança faz com a utilidade social da escrita e dos símbolos criados pelo homem.

O Brasil foi localizado no globo, e o Augusto gritou:-

- Quando é dia no Brasil é noite no Japão.

- Quem falou?

- Meu avô, ele é japonês.

- Seu avô fala japonês então?

- Quando ele quer, fala sim.

- Mas por que aqui é dia e lá é noite.

O globo foi levado até a janela, apagaram-se as luzes, as cortinas foram fechadas; somente por uma fresta a claridade passava mais forte

e atingia o globo, iluminando onde estava o Brasil; o globo era girado vagarosamente, e o inverso acontecia. Com essa simples atividade, todos perceberam o movimento feito pelo Planeta Terra.

O ESTADO DE SÃO PAULO

Esse tema prenunciava o desenvolvimento de um trabalho muito rico, discorrendo-se sobre os regionalismos, as diferenças culturais e sobre a complexidade do nosso país, proveniente do tamanho. Todos os Estados foram observados no mapa do Brasil, e surgiram comentários sobre as características marcantes de alguns deles, com base em gravuras. Ficou definido que em todos os Estados brasileiros fala-se o português, e que “moramos no Estado de São Paulo”.

- Minha mãe mora em São Paulo.

- Meu pai trabalha no São Paulo.

Este tema se mostrou complexo demais para eles. Como compreender que a cidade de São Paulo é a Capital do Estado de São Paulo? Ora percebiam os Estados como cidades e ora como países. O trabalho começou engrenar quando foram localizados no mapa os Estados que tinham muita água, pouca água (problema da seca, resultando novamente nas questões ambientais, desmatamento, etc.), indústrias e índios.

- Minha avó é índia, mas não pode vir aqui não, porque já morreu.

O tema “Estados” simplesmente entrou em decadência, não havia mesmo sido estimulante, fazia-se necessário mudar o rumo a ser percorrido, mas novamente os alunos apontavam só o que era relevante para eles.

Passaram a contar histórias de mortes de gatos, cachorros, passarinhos, avós e avôs, tio e tia, primos, e até um pai, cuja história do enterro todos ficaram sabendo.

- Até os dinossauros também morreram.

- É mesmo, por que não tem mais nenhum dinossauro?

De volta ao planeta Terra, iniciou-se uma pesquisa sobre os animais. O Milton, aluno do outro Pré II, veio nos contar tudo o que sabia sobre os dinossauros; foi uma experiência relevante, as crianças participaram muito.

Qual o professor pode, ainda hoje, manter-se distante desses olhares que pedem, mostrando por qual caminho querem seguir. O mundo pulsa numa dinâmica assustadora, e nele é possível se desenvolver tudo no ser humano e, acima de tudo, preservar a humanidade.

A CIDADE

O planejado para este tema era um estudo sobre a organização da cidade e, dentro dela, observar as várias profissões, meios de transporte, comunicação; criando-se um gancho para o próximo tema previsto: moradia.

O cartaz foi fixado na parede; observaram-se as propagandas que havia ali, algumas não eram conhecidas.

- Onde será que fica este açougue?

Um mapa da cidade foi fornecido. Nele, os alunos localizaram tudo o que queriam; principalmente onde cada um morava. Foi um bom momento para narrar como a cidade nasceu e porque tinha esse nome; só então os passeios pela cidade começaram. O primeiro lugar visitado foi o rio; observaram-se a água, as casas ao redor, a ponte e a passarela.

- Este rio não parece mais um lençol branco, tá muito sujo.

- Se o homem que achava o rio parecido com um lençol passasse aqui ia levar um susto.

- Ele não passa porque já morreu, a cidade é muito velha.

Ao passear pela rua principal, foram observados os tipos de construção, tamanho das portas e janelas, a quantidade de lojas e de bancos.

A biblioteca também foi visitada, observou-se o prédio, seu tamanho foi considerado, e discutiu-se sobre o seu nome.

A bibliotecária explicou que a biblioteca recebeu esse nome em homenagem a um famoso escritor nascido na cidade, e que ele já havia morrido; então, ela mostrou suas obras.

- Nossa, quanto livro que ele escreveu!

- Será que alguém já leu tudo isso?

De volta à sala, os passeios começaram a ser registrados sob a forma de desenho; um pequeno texto foi criado. As crianças falavam, a professora anotava na lousa; o texto foi lido, corrigido e, posteriormente, cada um recebeu uma cópia.

A aluna Ana contou uma boa novidade na roda.

- Minha mãe disse que um livro do escritor que nasceu aqui virou até novela da Globo.

- É, qual novela?

- Não lembro mais.

A mãe da aluna Ana foi convidada a participar da roda; porém, não pode vir, mas mandou um bilhete contando tudo, o nome do livro e os dados mais importantes da novela.

Após a professora retirar na biblioteca o livro indicado pela mãe, alguns trechos foram lidos; eles manusearam o livro, e já estava saciada a curiosidade.

Era visível o aumento do envolvimento dos alunos com a cidade. Eles começaram a compreender como uma cidade é constituída; discutiam sobre suas fotos históricas, seu passado. Agora parecia cogente suscitar neles a conscientização de que todos ali faziam parte dessa história; que ela está acontecendo num processo evolutivo; que, para melhor participar desse processo, seria preciso conhecer, e que este *conhecer* é um exercício que se desenvolve no decorrer da vida, paulatinamente, por meio da observação. Destarte, o indivíduo será capaz de buscar soluções, fazendo emergir o cidadão conhecedor de seus direitos, extirpando a mentalidade de que os governantes concedem favores quando atendem esses direitos.

Em todos os temas, utilizou-se alguma forma de arte para registrar, e uma mostrou-se especialmente produtiva: depois do “passeio” pela cidade, gravuras dos quadros de Cézanne, que retratavam cidades, foram observadas. Sentados em frente à creche – que fica ao lado da escola e proporciona uma boa vista da cidade –, com caderno e lápis nas mãos, os alunos observaram a cidade e desenharam-na. Essa atividade mostrou-se bastante rica, tanto do ponto de vista artístico, como em termos de avaliação, porquanto ali se encontrava, registrada pelas crianças, a visão que cada uma delas trazia da cidade.

Trouxe o jornal da cidade, no qual havia uma foto do prefeito, apenas dois alunos o conheciam.

- Esse é o Prefeito.

A maioria já tinha ouvido falar do prefeito; ocorreram novas conversas sobre as eleições, sobre as funções dos prefeitos e dos vereadores. Os que não conheciam o prefeito queriam conhecê-lo. Indagados a res-

peito do que se poderia fazer para resolver esta questão, apareceram duas propostas:

- Vamos passear na prefeitura, e lá a gente fala com ele.
- Vamos mandar ele aparecer aqui.

Para decidir, uma votação foi realizada; venceu a visita à prefeitura. Solicitou-se aos órgãos competentes permissão para tal, um projeto e o planejamento de ensino sobre a cidade foram anexados ao pedido. A resposta demorou muito, mas o planejamento prosseguiu.

Uma das justificativas mais usadas pelas crianças quando faltavam era:

- Eu não vim ontem porque fui à cidade com minha mãe.

Ao que eu sempre dizia:

- Ah! Então você não mora na cidade?

Era visível que não existia ainda a compreensão de que a Vila é também “a cidade”, que consistia, para eles, apenas no centro da cidade; notava-se então que o fato de nossos passeios se restringirem à região central da cidade, não contribuía para mudar esse conceito. Com o mapa da cidade nas mãos, era urgente que essa situação fosse revertida.

A VILA

Utilizando um mapa da cidade, com a demarcação das vilas, ficou fácil a compreensão de “quem morava onde”; a maioria morava na vila em que a escola estava situada, mas alguns moravam em outras. Logo se concluiu que, mesmo morando em vilas diferentes, todos moravam na mesma cidade. Um passeio foi realizado para conhecerem a vila da Escola; observou-se tudo: tipos de construção, bares, ruas, igrejas, supermercados.

Cada criança queria falar sobre o que via, a maior felicidade era passar em frente à própria casa, parar para tomar água, mostrar o cachorro; em um só dia não foi possível ver tudo.

Tendo observado os diferentes tipos de construção existentes na vila, constatou-se que nela não existia “prédio”; portanto, ninguém da turma morava em apartamento, alguns moravam em sobrado. Começou uma pesquisa sobre os tipos de moradia.

MORADIA

O planejamento de ensino visava à observação dos diferentes tipos de moradia, por intermédio de livros, revistas, jornais, filmes e da observação direta.

Seguindo o interesse da turma, o planejamento seria alterado. A previsão seria agora estudar o prédio da escola; as grandes discussões eram a respeito dos tipos de moradia.

Ninguém da turma conhecia um edifício; após contatar a moradora de um apartamento, lá se foi a turma andar de elevador, contar os andares, entrevistar alguns dos moradores.

- Dá medo morar aí?
- Você não gosta de quintal?
- Não dá pra ter bichinho aí?
- Como o elevador sobe e desce?
- E se ele quebrar com a gente aí dentro?

De volta à escola, cada criança construiu, com sucata, o seu edifício. Queriam levar para casa; assim, facilmente, consolidavam a noção de alto e baixo, maior e menor. Visitou-se também a casa do Guilherme, que morava em um sobrado. Surgiram conversas sobre os cômodos de uma casa, qual a utilidade de cada um, os móveis que ficam em cada cômodo. Exibiu-se um filme que mostrava outros tipos de moradias: a oca (lembra-ram do tema índios), iglus, e até avião. Chegou-se então aos problemas sociais, gente morando na rua, embaixo da ponte.

- Por que tem gente morando na rua?
- Porque não tem dinheiro pra comprar casa.
- Nem pra pagar o aluguel.
- Perto da minha casa tem gente morando embaixo da ponte.
- Por que eles não têm dinheiro?
- Porque não trabalham.
- Por que eles não trabalham?
- Porque não tem emprego.
- E por que eles não têm emprego?
- Porque a fábrica fechou.
- Por que a fábrica fechou?
- Isso eu não sei não.

Um ponto mostrou-se difícil: discutir esta questão social de maneira clara, de forma que as crianças pudessem compreender as desigualdades sociais. Mais uma vez surgia a questão da educação e cidadania; não foi fácil esclarecer as dúvidas, sentia-me insegura para trabalhar um tema tão denso com crianças tão pequenas.

Um tema simples, como moradia, trazia à tona graves problemas sociais, levando as crianças a profundas reflexões, mostrando o quanto já estão vivenciando e, sobretudo, participando de problemas sérios. Há muito as famílias já não cochicham seus problemas, poupando as crianças; elas participam de cada dificuldade.

Encerrou-se esse tema com mais uma atividade artística: cada criança, utilizando uma caixa de sapato e outras sucatas, construiu o cômodo de sua casa, aquele que mais gostava. Ainda falando sobre moradia, observou-se o prédio da escola: estilo de construção, tamanho, cor e formas.

A ESCOLA

Iniciou-se esse tema conversando sobre o nome da escola, quem foi a mulher cujo nome foi dado à escola; sua foto foi mostrada, leu-se sobre sua vida. Assim, trazendo o passado, podia-se conhecer a história da escola, que tomava corpo. Com o resultado da pesquisa feita com os pais, fez-se uma estatística de quantos pais haviam estudado nessa escola; as crianças pareciam não acreditar que os seus pais também haviam estudado na mesma escola que elas. Em um processo histórico, outra vez foram reunidos vários elementos já estudados: a escola está inserida na vida de cada aluno (Indivíduo), que tem uma Família, que tem uma Casa, que fica numa Vila específica, de uma Cidade existente no país chamado Brasil, que fica no Planeta Terra. O todo se desvendava constituído de suas partes, contextualizadas num processo interdisciplinar, no seu mais profundo sentido.

Sentar-se em frente à escola, observá-la e desenhá-la constituiu o registro final desse tema.

FAMÍLIA

A professora, utilizando gravuras de pessoas recortadas de revistas, contou a história de sua família, já enfatizando o grau de parentesco; os alunos perceberam muito bem que nem sempre moram na mesma casa pai, mãe e filhos. Este modo ultrapassado de colocar as relações familiares só tende a mostrar as inverdades e gerar nas crianças um sentimento confuso, por notar que sua família difere da ideal, apresentada nos livros.

As condições concretas de vida da criança devem ser empregadas em sala, e não os modelos idealizados por uma sociedade sistemática e hipócrita, que se importa mais com os resultados finais do que com o decorrer do processo.

“Como nascemos” foi outro interesse que desabrochou nesse tema; uma longa pesquisa foi feita. Depois de saciada a curiosidade a respeito do nascimento humano, o assunto animais foi retomado, repassando-se o que já havia sido estudado.

Uma quebra total em nosso trabalho ocorreu, pois chegou finalmente a resposta afirmativa ao pedido feito pela classe para visitar a Prefeitura Municipal. O dia já estava agendado e foi marcado em nosso calendário; todos os dias as crianças contavam quanto tempo faltava para a visita.

A turma foi à prefeitura de perua; ao chegar, foi recebida pelo assessor de imprensa, que a acompanhou por todo o prédio, explicando a responsabilidade de cada departamento.

Demorou um pouco até que o prefeito pudesse receber os alunos e a professora. Na sala de espera, a secretária tentava falar ao telefone, as crianças tomavam água, chá e café; falavam alto e, a todo o momento, perguntavam pelo prefeito. Quando finalmente entramos, havia docinhos sobre sua mesa e cadeiras giratórias. A maioria estava atenta ao que o prefeito falava, e respondia às suas perguntas, alguns queriam girar nas cadeiras, outros olhavam atentamente os docinhos. O prefeito leu em voz alta a mensagem do cartão levada pelo grupo e respondeu a algumas perguntas.

- É bom ser prefeito?
- Quando você era criança já queria ser prefeito?
- Dá pra você arrumar um pouco mais de água para nossa escola?

Lá num tá dando nem para escovar os dentes.

O prefeito mostrou-se muito atencioso com todos; na hora da despedida, entregou a todos um docinho e uma carta agradecendo pela visita.

Enquanto esperavam pela perua, uma lagarta andava pela calçada; de repente, nada mais tinha importância, somente o andar da lagarta, surgiu a preocupação de que, ao atravessar a rua, um carro passasse sobre ela. A solução que encontraram foi pegá-la e transportá-la ao jardim da prefeitura.

A avaliação dos progressos era feita no decorrer de cada tema, num constante repensar da prática pedagógica, mas nesse dia obtive a resposta mais concreta no que dizia respeito aos resultados: esta turma estava definitivamente comprometida com a preservação do ambiente e a consciência ecológica começara a ser construída.

Chegara o momento de sentir como as crianças se reconheciam, depois de todas estas etapas trabalhadas.

EU

Esse tema foi iniciado com o jogo “Quem sou eu”. Cada participante se colocava no centro da roda e dizia quem era; obtiveram-se informações bem variadas:

- Eu sou a Eva, filha do Pedro que conserta carros.
- Sou o Gustavo, bagunço um pouco.
- Eu sou o João, minha mãe já não me bate tanto.
- Eu sou a Hellen, sou muito feliz.
- Sou o Dimas, tenho 6 gatinhos: 4 machos e 2 fêmeas.

Expressaram-se desta forma, mostrando suas reais necessidades, apontando o que era mais relevante para eles no momento. As crianças foram sensibilizadas pelas alocações, pois percebiam o outro. Já haviam se acostumado a esta atividade na “roda da conversa”, na qual cada um contava a sua novidade, todos ouviam, escolhiam a mais interessante e a ilustravam; isso criou um forte vínculo entre eles e o respeito pelo outro, pois todos tinham sua chance de falar e todos ouviam.

Os pais foram entrevistados por meio de uma folha contendo algumas perguntas, as quais deveriam responder perto das crianças.

A cada folha recebida de volta, os participantes sentavam e as respostas eram lidas. Todos tinham muito interesse e ouviam atentamente; esta foi uma experiência muito forte para o grupo, os olhos brilhavam e esperavam pelo recado carinhoso vindo dos pais. Não havia necessidade de se “treinar” a coordenação motora, esquema corporal, equilíbrio e todas as desgastadas etapas do período preparatório, o “Eu” já estava desperto fortemente, e o restante viria como consequência inevitável.

Discorreu-se sobre as funções do corpo, como já havia sido feito no tema família, dando um enfoque maior à sexualidade. O assunto foi tratado com muita naturalidade, todos já conheciam os nomes corretos dos órgãos genitais, pois se discorreu sobre isso no decorrer dos outros temas.

CONCLUSÕES

O professor deve ter a percepção de que a aprendizagem é um processo constante, que não ocorre somente a partir do ingresso da criança, na pré-escola. Tal processo teve início muito antes, com o nascimento, e vai terminar somente com a morte.

Há uma necessidade premente de se partir da realidade da criança visando à expansão do seu universo; sem que se restrinja ao que a rodeia. O que a rodeia é, indiscutivelmente, o ponto de partida. Aquilo que a rodeia e lhe interessa, e não apenas o que é concreto e próximo; assim, torna-se insano um planejamento de ensino baseado no que eles já sabem e, principalmente, baseado em métodos podadores, que apostam tão somente no que se presume que tal faixa etária pode desenvolver.

O esperado de um planejamento de ensino é que ele ultrapasse os limites, ouse ousar; não somente permitindo, mas também favorecendo as descobertas de cada indivíduo, contribuindo para sua formação como ser crítico, dotado de ampla visão, capaz de ler e decifrar o que não está escrito, criando hipóteses, fundamentando-as, comparando-as e, finalmente, concluindo, dentro de um contexto, com objetividade, conseguindo sempre deixar uma margem para o improvável.

A sala de aula deve ser um lugar de descobertas, onde exista sempre a possibilidade de se quebrar as paredes e estar lá fora, onde a vida é pulsante.

No início dessa pesquisa, o que se tinha em mente era fundamentar teoricamente a prática pedagógica que leva profundamente em conta o interesse das crianças pelo mundo físico, direcionando-a de modo que partisse do geral e caminhasse para o específico. No decorrer da pesquisa, tornou-se claro que não faria muita diferença partir do geral para o específico ou vice-versa. Isso não era relevante, e sim o “que” e “como” trabalhar. Todos os indícios apontavam para o mundo físico; somente o tema “Os Estados” mostrou-se complexo demais para eles, em nenhum outro momento deixaram de participar.

Tudo emergia, e os temas afloravam em meio a tantas hipóteses, na maioria das vezes respondidas por eles mesmos.

Cabe lembrar que esta pesquisa foi realizada com crianças de pré II, com 6 anos, que já haviam frequentado o maternal e o pré I, tendo, portanto, uma série de conceitos já desenvolvidos, o que facilitava um constante movimento de ir e vir, fazendo sempre a ligação do “Eu” com os demais temas.

Da questão levantada até a conclusão obtida houve um amplo processo, um longo caminho, e este foi o mais importante, pois garantiu uma prática pedagógica segura. Termino expondo uma reflexão de Thiago de Mello: “Não, não tenho caminho novo, o que tenho de novo é o jeito de caminhar”.

REFERENCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3 v.

CHARBONNIER, C. **A pedagogia Freinet por aqueles que a praticam**. São Paulo: M. Fontes, 1976.

CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. S. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. 164 p.

FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KRAMER, S. **Com a pré-escola nas mãos**: uma alternativa curricular para a educação infantil. 7. ed. São Paulo: Ática, 1994. 110 p.

SAMPAIO, R. M. W. F. **Freinet**: evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione, 1989.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: M. Fontes, 1998. 190 p.

Recebido em / Received on / Recibido en 01/08/2009
Aceito em / Accepted on / Acepto en 01/07/2010